

José Luiz Galvão



*Lighting designer carioca
esbanja experiência e aposta
na especialização.*

Entrevista concedida a Maria Clara de Maio

Há quanto tempo você atua em projetos de iluminação? O que o colocou neste caminho?

Fui chefe do setor de engenharia da administração regional B (Estados da Guanabara e Rio de Janeiro) do Banco Nacional, em 1972 e 1973. Reclamações dos gerentes e da diretoria a respeito da iluminação das agências me fez dedicar tempo e iniciar meus estudos a respeito. Deixando o banco, em meu emprego posterior, solicitaram-me a elaboração de projetos de iluminação. Percebi então que não tinha conhecimentos suficientes para desenvolver esta atividade. Decidi me mudar para os Estados Unidos e buscar uma formação compatível com o que gostaria de fazer. Após meu retorno, em 1980, dedico-me exclusivamente a projetos de iluminação.

Sua especialização foi adquirida na Pennsylvania State University e hoje você dá aulas em cursos no Brasil. O conteúdo oferecido aqui é suficiente ou você recomenda uma pós ou mestrado no exterior?

Em 1977, quando me mudei para os Estados Unidos, não havia no Brasil curso algum devotado à iluminação. Na Penn State University desenvolvi meus estudos e obtive grau de Master of Sciences, defendendo a tese "Luz e Cor como Elementos do Projeto de Arquitetura". Não conheço muito dos cursos de iluminação existentes no Brasil, além do nosso na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro. O nosso curso é bastante abrangente e pode ser visto no site www.uva.br. Tem um programa semelhante ao que cursei na Penn State, demanda muito envolvimento e dedicação do aluno, e tem carga de trabalho pesada. De qualquer forma, a formação em centros mais avançados sempre é de bom alvitre.

Você é um dos fundadores da AsBAI? Qual seu papel hoje na entidade?

Fui um dos membros fundadores da AsBAI e seu primeiro vice-presidente. Hoje me afastei da associação e não desempenho nenhum cargo, embora a acompanhe à distância.

Como vai a indústria nacional de iluminação? Atende suas expectativas como projetista?

Os progressos são evidentes. De maneira geral me sinto atendido pelos fabricantes de ponta da indústria nacional. Vejo muita seriedade em alguns fabricantes. Ao desenvolvermos os projetos (Parque Aquático e Maracanãzinho) para os jogos Pan-Americanos Rio 2007, fizemos questão de usar equipamento nacional. Entendemos como uma função social de nossos projetos a manutenção do emprego do operário brasileiro. A confiabilidade dos equipamentos nacionais empregados nos projetos nos possibilitou a adoção dessa medida.

Entre seus projetos realizados, quais destacaria?

Tenho um carinho especial pelo Parque das Ruínas (arquiteto Ernani Freire e Associados), no bairro de Santa Tereza no Rio de Janeiro, premiado pelo IAB, departamento RJ. Dos projetos recentes gostei muito dos resultados do Parque Aquático Maria Lenk (projeto do escritório Arquiplan) e do Maracanãzinho (arquiteto Armando Mendes), mas deixo claro aqui que a quadra de jogos não foi projeto nosso. Entre os mais antigos, destaco o Ginásio Polivalente da Fundação Bradesco em Osasco (Luiz Paulo Conde Arquitetura), premiado na Bienal de Arquitetura e Design de Buenos Aires, Centro Cultural Euclides da Cunha (arquiteto Carlos Henrique Porto) situado na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro, também premiado pelo IAB-RJ. Enfim, projeto é que nem filho: sinto-me mal em elogiar uns e deixar outros de fora...

Os arquitetos já estão cientes que devem trabalhar com um arquiteto especialista em iluminação, especialmente em projetos onde a técnica e o conhecimento mais profundo é essencial?

Não há mais como um arquiteto não solicitar ajuda de consultores especializados em iluminação. São conhecimentos que ele não tem. Não só a nós, de iluminação, como também a outros consultores, como os de acústica, ar condicionado, elétrica e hidráulica. Não tenho tido problemas em trabalhar com arquitetos, afinal, sou um deles... O que precisa haver, como em todas as atividades humanas, é empatia entre as partes. Aqueles que têm empatia comigo desenvolvem trabalhos comigo, aqueles que não, trabalham com outros colegas, e assim o mercado vai se formando. ◀